



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

Alexandre Lyra Simonetti
Cristiane da Silva
Jacqueline da Silva Villaca
Orivaldo Nicola Atoline Junior

**Analisando a abordagem do tema Elementos Químicos e sua classificação,
em um livro didático de Ensino Médio.**



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

Alexandre Lyra Simonetti

Cristiane da Silva

Jacqueline da Silva Villaca

Orivaldo Nicola Atoline Junior

**Analisando a abordagem do tema Elementos Químicos e sua classificação,
em um livro didático de Ensino Médio.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas UNIMES, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Química, sob a orientação da (o) Prof.^a Ana Lúcia de Braga e S. Santos



AGRADECIMENTOS

Temos a agradecer primeiramente as nossas famílias, que nos apoiaram e nos deram a chance de estar podendo obter mais um resultado positivo em nossas vidas.

Não podemos nos esquecer de todos os nossos professores que, com muita paciência e dedicação, declinaram seus conhecimentos a nosso favor.

Sentimo-nos honrados de poder ter tido como nossa Orientadora, a Prof^a Ana Lúcia de Braga e S. Santos, que tanto nos direcionou e orientou a mais uma conquista como profissionais na área da educação. Seremos gratos a vida inteira por sua dedicação, humildade e profissionalismo.



EPÍGRAFE

“Educação é aquilo que a maior parte das pessoas recebe, muitos transmitem e poucos possuem”.

[Karl Kraus](#)



RESUMO

O presente trabalho apresenta uma breve análise de um dos capítulos do livro didático do Ensino Médio: “Química e Sociedade”. Nossa proposta foi a de focar nosso estudo no tema “Elementos Químicos e sua classificação” e como este é abordado pelo referido livro didático. A apreciação foi feita pensando-se em como o material base de nossa observação pode auxiliar na ação docente e no aprendizado dos alunos, uma vez que sua estrutura pode contribuir para a realização da transposição didática dos conteúdos para os alunos do Ensino Médio, na relação: saber, aluno e professor, numa tríade necessária para o processo ensino-aprendizagem. Os principais aspectos observados relacionam-se não somente ao conteúdo conceitual, mas como este material possibilitará ou não o desenvolvimento de um trabalho pautado na construção do conhecimento pelo aluno mediado pelo professor, à adequação dos exercícios e se há e como são os experimentos propostos, a relação do conteúdo elementos químicos com o cotidiano do aluno, com questões atuais relacionadas a temas ambientais de forma a possibilitar uma abordagem social, histórica e da formação do cidadão e se a formatação do livro contribui como um facilitador da aprendizagem, dentre outros aspectos. Foi realizada uma breve revisão bibliográfica sobre o tema foco a ser observado e a seguir a análise do livro didático.



PALAVRAS-CHAVE: Elementos químicos; Classificação dos Elementos químicos; Análise de conteúdo; Relação ensino-aprendizagem; Livro didático.

INTRODUÇÃO

A partir da grande explosão do Universo surgiram os primeiros átomos. Química é a ciência que estuda a matéria e sua composição, estrutura, propriedades e reações. A **Matéria** é o material do qual o universo é constituído.

Desde os primórdios da civilização, existe a preocupação com a composição da matéria e suas propriedades. Consideraremos aqui matéria como sendo tudo o que ocupa lugar no espaço e tem massa, que possui uma composição, estrutura, propriedades e reações sendo o material do qual o Universo se constitui e objeto de estudo da Química. Explicar a matéria, sua composição e suas propriedades fazem parte dos conceitos a serem desenvolvidos pelos educadores da área de ciências e deveriam ser ao menos compreendidos pelos cidadãos em geral. Dentre os muitos assuntos a que a química se refere encontramos “Os Elementos Químicos”, que neste trabalho será o tema a ser focado, para realizarmos a análise de seu tratamento num livro didático muito utilizado pelos professores nas escolas públicas do Estado de São

Paulo, por pensarmos ser um tema bastante presente no cotidiano, além de ser base para o estudo e desenvolvimento de outros temas em química. Os assuntos relacionados à elementos químicos são em geral apresentados pelos livros didáticos no início do primeiro ano do Ensino Médio e podem ser abordados e desenvolvidos de diferentes maneiras pelo professor, assim como apontam Mendonça et al (2004).

Ao tratarmos do tema elementos químicos, precisamos nos lembrar de que estes se encontram classificados em uma tabela, a Tabela Periódica, que como aponta Franco (2009) foi elaborada a partir da necessidade dos cientistas em agrupar os elementos conhecidos a partir de suas propriedades físicas e químicas, o que fez com que fossem descobertas novas propriedades e como se dava o comportamento de cada elemento, ou seja, ampliou-se o conhecimento sobre os elementos, a partir da necessidade de agrupá-los, portanto um dos aspectos a serem analisados neste trabalho é o tratamento do aspecto histórico na construção do conhecimento sobre elementos químicos. **Um bom exemplo deste é a classificação estabelecida por Lavoisier, onde coloca alguns elementos como sendo metais e não metais, sendo esta classificação feita em alguns casos a partir da massa atômica dos elementos, em ordem crescente; outras, pelas semelhanças e propriedades.**

Döbereiner foi o cientista que procurou estabelecer uma relação entre os elementos com fins de classificação, ou no mínimo na tentativa de agrupá-los, procurou estabelecer uma “relação entre os valores das massas dos átomos” e percebeu que “o estrôncio apresentava massa atômica praticamente igual à média aritmética das massas atômicas do cálcio e do bário” (Franco, 2009, p.123). Por se tratar de 3 elementos diferentes com certas semelhanças denominou essa propriedade como Lei das Tríades.

Em torno de 1870, Meyer elaborou uma tabela baseada nos principais propriedades físicas dos elementos partindo da repetição de algumas propriedades dos elementos e suas estruturas, na mesma época Mendeleev também realizou a construção de uma tabela, nesta, porém, deixou lacunas vazias, previa-se que a descobertas de novos elementos seriam introduzidas. Esta tabela serviu de base para a nova tabela que hoje atualmente é catalogada com 112 elementos conhecidos, fornecendo inúmeras informações sobre o comportamento de cada um. Mendeleev sugeriu uma tabela de ordem crescente de suas massas atômicas, agrupando-os de acordo com suas propriedades físicas e químicas dos elementos. A tabela atual organiza horizontalmente os elementos de acordo com a ordem crescente de números atômicos, de tal modo que os elementos de mesma propriedade fiquem agrupados em uma mesma coluna.



Podemos chamar de elementos químicos o conjunto de átomos qualitativos iguais; em geral os vários elementos químicos aparecem na natureza combinados entre si e são raros ocorrerem na natureza encontrados na forma isolada. Como apontam Peruzzo e Canto (2003) na maioria, os elementos são capazes de se combinar, formando assim novos elementos químicos. Tudo isso se dá de forma que as combinações sejam aceitáveis. Mas há combinações inexistentes em sua forma natural deste modo são criadas de forma artificial, originando vários elementos, tendo em sua formação ligações que podem ser Iônica, Molecular e Metálica.

Ao pensarmos na relação entre os elementos químicos, a matéria, os compostos químicos etc., nos dias de hoje e sua utilização pelo homem, podemos perceber que há algumas das necessidades de nosso tempo em relação ao uso de materiais que foram e são criados e que se inserem em nosso cotidiano e que se tornam problema quando estes materiais geram resíduos que nem sempre são descartados de forma correta. Desta foram buscar soluções para tais problemas torna-se um desafio atual. Nesse aspecto a química juntamente com outras áreas da ciência vem contribuir com a busca de soluções e construção de práticas mais sustentáveis desde a produção ao descarte de materiais, buscando o melhor descarte, evitando a contaminação do meio-ambiente, e assim, melhorar as condições básicas para

todo ser humano. Metais pesados presentes nas pilhas e baterias, plásticos presentes nos mais diversos objetos do dia-a-dia, devem ser minuciosamente destinados a locais próprios para recebê-los, para que não haja ainda mais agressão ao meio-ambiente.

Quando os alunos relacionam a química como matéria escolar, se esquecem que em nosso cotidiano é que ela se faz presente e que também nos fornece explicações básicas para a formação de conceitos. Faz-se necessária então, uma educação que também aborde os efeitos negativos à natureza, quando do mau uso da química pelo ser humano. Em alguns casos, o impacto ambiental tem relação com a Química, dependerá de nós professores darmos suporte técnico e ético para que o aluno desenvolva um pensamento crítico e que este faça parte de suas reflexões em sua futura conduta profissional.

Pensamos que o entendimento sobre o conteúdo Elementos Químico, trará futuramente a estruturação e complementação dos outros conteúdos sendo de suma importância para a área da química, em especial aos alunos do ensino médio. Tal conceito busca corroborar na compreensão de formação das “substâncias químicas” e embasar conhecimentos posteriores.

Acreditamos que quando o aluno tem uma visão abrangente sobre o conteúdo e busca respostas aliada a vontade de aprender, utilizando um bom material didático mediado pelo professor, ocorre um processo de facilitação à



compreensão dos diferentes conteúdos, que neste caso são sobre Química. Assim como aponta Chevallard (1991) quando discorre em seu livro *Transposição Didática*, ao tratar do tema, apontando a relação entre o saber, o aluno e o professor.

O livro didático é um dos recursos mais utilizados pelos professores, de diferentes formas, como aponta Mendonça et al (2004), alguns como total apoio, onde o livro determina todo o plano de aula sendo utilizado em praticamente todas as aulas, em outros casos é utilizado de forma parcial, de onde se retiram alguns exercícios ou textos de modo bastante eventual, mas não podemos negar que o livro didático é, em algum momento, um recurso utilizado pelo professor.

Para Chevallard (1991) este recurso antes de se tornar material pronto para ser utilizado em aula deve passar por uma transformação que o torne apropriado para o trabalho do professor em realizar a transposição dos conceitos e conteúdos para seus alunos, de modo que estes últimos sejam capazes de construir seu próprio conhecimento, a respeito de diferentes assuntos de forma eficaz. Para tal ação é necessário que ao selecionar os recursos a ser utilizado, o professor consiga dominar o conteúdo, compreender seus conceitos não como se apresentam no livro, mas em sua forma mais essencial (ou seja, deve compreender e dominar os conceitos estudados), para só então analisar se a forma como se apresentam no livro didático, por exemplo, contempla aquilo que



deve ser ensinado e aprendido e de forma adequada. Faz-se então necessário que o professor possua conhecimento, lance sobre o material um olhar crítico, selecione o que, como e quando deverá utilizar o recurso para ser melhor aproveitado e desta forma tentar realizar a transposição deste conteúdo para seus alunos, num movimento em que a tríade saber aluno-professor se envolve num constante movimento de construção do conhecimento.

Portanto, o uso do livro didático como recurso deve ser muito bem analisado pelo professor para que este não seja somente um material inerte, mas uma fonte da qual o professor pode se utilizar para ensinar, não devendo ser, porém a única.

O objetivo desta monografia é realizar a análise de como Santos e Mol (2005) em seu livro didático, que está na lista do Plano Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), aborda o tema Elementos Químicos. Pretendemos também analisar outros fatores importantes que devem ser observados nas obras didáticas, como a contextualização na apresentação dos conteúdos, a organização gráfica (imagens, destaque de alguns temas com letras diferentes, o tipo de papel empregado, etc.) assim como aponta Loguercio et al (2001) em seu trabalho de análise de livros didáticos de química; a ocorrência de atividades experimentais, de que forma apresentam-se os exercícios e questões propostas e



sua contribuição para a aprendizagem do aluno, o uso de textos claros e que relacionem o conhecimento químico com o cotidiano, dentre outros.

Geralmente o tema Elementos Químicos é abordado durante a análise e estudo da tabela periódica dos elementos químicos, seu estudo é importante, pois este é um conteúdo que irá ser utilizado durante todo o estudo de química.

Pensamos que ao realizar a referida análise bibliográfica realizaremos o exercício de modo como explorar este conteúdo com os alunos retirando deste material o melhor para realização do processo de ensino-aprendizagem. Uma das formas sugeridas seria relacionando os conhecimentos de química com situações cotidianas, de forma a sensibilizar os alunos, perante a importância de buscar um mundo melhor para ser viver, de tal maneira que percebam que um futuro sustentável depende dele e de todos, para fazer com que isso se torne uma realidade.



DESENVOLVIMENTO

Os elementos químicos referem-se a átomos quimicamente diferentes, que ao se unirem acabam por originar uma quantidade infinita de materiais, mesmo que não seja conhecida mais do que uma centena de tipos de átomos diferentes. A cada elemento atribuem-se um nome e uma abreviação que representa seu símbolo.

Foi a partir dos conhecimentos apresentados por Lavoisier que os conceitos sobre os elementos foram evoluindo, como colocam em seu trabalho Tolentino, Rocha-Filho e Chagas (1997), esses autores ainda apontam que num momento histórico em que ocorriam muitas mudanças e novas descobertas, bem como a classificação em diversas áreas das ciências, Lavoisier lança uma primeira tentativa de classificar os elementos em quatro grupos e denominando estes elementos como “substâncias simples”.

O conceito de elemento químico foi se alterando, com o passar do tempo e com a ampliação do conhecimento sobre estes, sem que, no entanto, tais conhecimentos fossem sistematizados:

“Pode-se dizer que durante muitos anos, a Química vinha acumulando conhecimentos, faltando, porém, uma teoria geral que explicasse e sistematizasse a grande quantidade de observações relatadas, muitas

das quais aparentemente contraditórias. Na segunda metade do século 18 e primeira do 19, esses muitos fatos experimentais levaram a uma eclosão de grandes generalizações”. (TOLENTINO et al, 1997, p.103).

Tolentino et al (1997), apontam ainda que entre os séculos XVIII e XIX, cientistas como Lavoisier, Proust, Richter e Dalton, entre outros, deram grande contribuição às ciências e especificamente à química com suas descobertas sobre reações químicas, “as leis que regem as massas dos reagentes químicos durante uma reação”. A Teoria atômica de Dalton veio a contribuir ainda mais com o conhecimento sobre os elementos químicos. A partir do momento que se passa a ter conhecimento sobre teoria atômica e estudos sobre pesos atômicos por diferentes cientistas a classificação dos elementos passa a ter outro enfoque, o que inicialmente se fazia baseado em propriedades das substâncias, passou a ser observado sob a luz do conhecimento sobre pesos atômicos. Foi com base nisto que o cientista Johann W. Döbereiner realizou inicialmente um agrupamento que se deu de 3 em 3, por isso levou o nome de Tríade. Tal classificação foi determinada pelo fato dele perceber que alguns elementos possuíam propriedades semelhantes além de “o peso atômico do elemento central ser aproximadamente igual à média daqueles dos extremos” (TOLENTINO et al, 1997).

Após esta classificação, muitas outras foram feitas como a apresentada por Chancourtois, que imaginou os elementos agrupados em linha, segundo a ordem

de suas massas atômicas, dispostos como a rosca em um parafuso, daí o nome de parafuso telúrico de Chancourtois, tal classificação se deu em 1862.

Em 1864, Newlands estabeleceu uma nova classificação ao perceber que ao colocar os elementos químicos em ordem crescente de acordo com suas massas atômicas, suas propriedades se repetiam a cada oito elementos (excluindo-se o hidrogênio), daí o nome de lei das oitavas, como mostra Feltre (2004).

Ainda segundo Feltre (2004), foi Mendeleev que em 1869, buscou uma periodicidade das propriedades dos elementos químicos e à partir de então organizou-os de acordo com a ordem crescente de suas massas atômicas, assim como Mendeleev, Meyer também trabalhava na busca de estabelecer uma tabela na qual fosse possível organizar os elementos, ambos realizaram trabalhos independentes, mas muitos semelhantes, por isso alguns autores falam de lei periódica de Meyer-Mendeleev, apesar de que este último estabeleceu algumas regras que contribuíram bastante para a organização atual muito mais do que Meyer, como por exemplo, deixar alguns espaços vazios na tabela justificando que o aparecimento de novos elementos preencheriam estes espaços, como de fato ocorreu.

Com o estabelecimento do conceito de número atômico, determinado por Henry G. J. Moseley, em 1913, pode-se verificar que este número caracterizava melhor um elemento do que sua massa atômica de modo que a tabela de Mendeleev foi reestruturada, assim como podemos ver hoje.

Podemos então perceber que a necessidade de se agrupar os elementos químicos de forma a classificá-los surgiu a muito tempo, no entanto, tal fato só foi possível devido ao conhecimento destes elementos à medida que se realizavam novos experimentos, observações e pesquisas a respeito destes e à partir de cada nova descoberta alteravam-se os conhecimentos, ampliando-os ou muitas vezes refutando-os.

Ao estudarmos os elementos químicos não podemos ignorar a importância da tabela periódica, uma vez que este instrumento auxilia-nos na compreensão das características e propriedades dos elementos. Por exemplo, na tabela conseguimos encontrar informações importantes como a massa e número atômicos e relacioná-los com o que significa cada um. Alguns autores como Bianchi et al (2005), elencam que fatores importantes são utilizados para classificação e que devemos compreender para o estudo dos elementos químicos como, por exemplo: raio atômico, cujo sentido de crescimento se dá de cima para baixo e da direita para a esquerda, o volume atômico, pontos de fusão e ebulição,

potencial de ionização, eletro afinidade ou afinidade eletrônica, sendo que cada um possui uma ordem de classificação que se dará de acordo com sua localização na tabela e esta classificação se deu à partir do conhecimento de cada elemento.

Nesta primeira parte focamo-nos mais nos elementos químicos dentro da tabela periódica, uma vez que ao estudarmos estes elementos nos livros didáticos eles encontram-se assim organizados Um breve histórico da construção desta tabela, mostra-nos ao mesmo tempo, um breve histórico da descoberta não só dos elementos, mas de suas propriedades e de como aos poucos foram sendo realizadas novas descobertas sobre os elementos, ampliando os conhecimentos em química e contribuindo para as ciências.

Análise da abordagem do tema Elementos Químicos e sua classificação por um livro didático.

O professor, antes de escolher o livro que servirá de apoio ao ensino-aprendizagem, deve fazer a análise criteriosa do livro. É necessário que sejam avaliados de forma clara e objetiva se possuem obstáculos epistemológicos, poluição visual, falta de figuras, tamanho de letra inadequada, baixa qualidade de papel para capa e pagina, excesso de informações desnecessárias, experiências



que tragam risco para o aluno e professor e forma inadequada de estruturação do texto na página.

Ao analisarmos a relevância do tema Elementos químicos e sua classificação, pensamos em qual livro poderia ser a fonte de nossa análise, uma vez que este tema é tratado das mais diferentes formas, nos mais variados livros didáticos. A seleção do livro se deu ao fato de ser muito utilizado por escolas públicas do Estado de São Paulo, e, portanto, por muitos alunos e professores, uma vez que faz parte do PNLEM (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio, de 2008).

O livro didático utilizado é do Grupo “Pequis” - Projeto e Ensino de Química e Sociedade-, Ensino Médio – Volume Único, com o título Químico & Sociedade da Editora Nova Geração é elaborado e escrito por vários autores, a edição analisada é a 1ª, de 2008.

Ao realizar a análise vamos nos ater a alguns pontos importantes como a contextualização ao apresentar o conteúdo de forma a estabelecer relação com o cotidiano do aluno, se a escrita é clara e objetiva e apresenta os conceitos a que se propõe, se há exercícios e experimentos, se a formatação auxilia no desenvolvimento do conteúdo, se é escrito em preto e branco ou colorido, se há chamadas para o desenvolvimento dos conteúdos e como estas se apresentam,



no caso de haverem, se possui figuras, se apresenta relação com temas ambientais demonstrando preocupação com estas questões e no caso de haver tal relação se esta apresenta-se contida no texto ou em boxes à parte do tema, assim como colocam Loguercio et al (2001).

Em primeiro plano na capa, vemos uma experiência sendo feita por um professor de jaleco branco, mostrando uma reação química em uma vidraria de laboratório. A capa tem de fundo a cor amarela, sendo bem chamativo. Em letras garrafais, a palavra Química se destaca das demais letras, deixando assim, uma boa apresentação, no entanto, a figura acaba por ressaltar a idéia estereotipada de que a química e a ciências de um modo feral, se faz em laboratório por professores de jaleco branco. O material da capa é mais resistente do que as folhas internas, mas após muito tempo de manuseio pode soltar-se se não for bem cuidado.

A primeira folha apresenta os autores do livro de forma breve, mas fornece tanto ao aluno quanto ao professor informações sobre a formação e área de atuação dos autores, de modo que é possível identificar que todos são licenciados em química, alguns são docentes de pós-graduação e graduação e alguns do ensino médio, há ainda duas mestrandas e um especialista em Química. O fato de serem docentes demonstra que ao menos têm ou já tiveram contato com livros didáticos, voltados para o Ensino Médio em seu trabalho.

Na introdução do livro (p.03) há uma ficha catalográfica e informações sobre a produção do livro como editor, coordenação, capa, informações sobre como ter contato com a editora, etc. Destaca-se a dedicatória aos alunos, mostrando a eles o porquê se estudar a química e as suas conseqüências em nossos dias discorrem sobre a importância de se aprender química relacionando-há com o dia a dia, esclarecendo que a aprendizagem da química não deve ser memorística, mas entendida, seus conceitos devem ser compreendidos para se compreender os fenômenos que se encontram no cotidiano e utilizar os conhecimentos desta área na construção de um planeta que ofereça melhores condições de vida. Neste ponto, vemos que o livro se propõe a trabalhar de forma integrada com o cotidiano, buscando ampliar ou iniciar o conhecimento do aluno a partir de situações reais, contribuindo com uma aprendizagem que visa a sustentabilidade.

Ainda na página 03, o grupo PEQUIS faz uma dedicatória aos colegas editores, redatores, fotógrafos e ilustradores, também homenageiam o Prof. Dr. Roberto Ribeiro da Silva pelas contribuições na elaboração do livro, incluindo vários professores, alunos do ensino médio, e alunos de licenciatura em Química da UnB e uma citação de Paulo Freire.

Em suas páginas iniciais (p.04) é explicado como usá-lo, enfocando sempre o pensar, discutir, defender idéias, atuar na sociedade na busca de formar o



cidadão, a não memorização de fórmulas, o uso de modelos alertando que estes podem ser alterados (o que demonstra uma preocupação em esclarecer que a ciência é mutável), a compreensão de conceitos e a proposta de alguns experimentos como forma de investigação e ainda faz um alerta sobre a necessidade de se realizar estes na escola e seguindo as normas de segurança, além de estar sempre na presença do professor.

O sumário apresenta-se de forma clara e as unidades são enumeradas com letras de cores diferentes e maiores, além de terem um grifo em cores diferentes para separação das unidades, os capítulos também são separados por letras um pouco maiores para diferenciá-los, o que auxilia na busca de informações. O sumário é bem formulado, tendo de fundo a cor verde claro e várias figuras sem reconhecimento algum, ou seja, não se tratam de algo relacionado à química, não fica claro.

No fim do livro há um glossário, que auxilia os alunos a compreenderem termos técnicos e palavras próprias da disciplina, contidas no livro; dicas de leituras organizadas por unidade de trabalho, ou seja, encontram-se relacionadas a cada tema e desta forma facilita ao aluno realizá-las aprofundando seus conhecimentos de acordo com o que está sendo desenvolvido em sala, uma vez que em se tratando de livro didático e mesmo que este possua uma ordem, o professor poderá ou ao menos poderia utilizá-lo de acordo com a necessidade e



na ordem que eleger de acordo com a necessidade de seus alunos e o livro apresenta ainda dicas de sites na página 738. Acreditamos que estes materiais auxiliam na aprendizagem do aluno e na elucidação de dúvidas pelo professor no caso do glossário, além de ser um material a mais a ser utilizado pelo docente para estimular em seus alunos a pesquisa. Na última página há dicas de segurança no laboratório, estas são escritas de forma clara e possui figuras que chamam a atenção e dão maior esclarecimento.

O livro é colorido e suas folhas são opacas e resistentes.

A análise do conteúdo se inicia na Unidade 03, intitulada – Elementos, Interações e Agricultura e foi baseada no capítulo 07: classificação dos elementos químicos. Logo abaixo deste título vem uma pergunta em letras menores: “Como a química interfere na agricultura? Os produtos químicos trazem benefícios ou prejuízos às plantações? A partir deste enfoque o livro propõe uma discussão sobre o uso de insumos, fertilizantes e defensivos agrícolas como produto químico que podem trazer benefícios ou malefícios, neste ponto, propõe a reflexão, a relação com fatos cotidianos e meio ambiente e traz ainda um Box, com questões para direcionar a reflexão do texto, o que é bastante interessante quando utilizado pelo professor para auxiliá-lo a delimitar pontos-chave de discussão. Nestas primeiras páginas notamos uma poluição visual, há muita informação em forma gráfica, o que dispersa um pouco a atenção do texto, em si.

A partir da página 172, seguinte a discussão acima referida inicia-se o estudo do surgimento dos elementos químicos sob o subtítulo: Elementos químicos: Síntese, descoberta e simbologia. De certa forma não estabelece uma relação direta ao que foi trabalhado anteriormente e a menos que o professor faça esta ligação com explicações, não fica claro para o aluno porque uma virada tão brusca no assunto. Há também uma alteração na cor da página que passa a ser branca e com mais texto.

Neste texto, comenta-se a origem da terra, mostrando a Cosmologia e a Química no início do grande Big-Bang, aonde se inicia a formação do primeiro elemento químico mais conhecido, o Deutério (átomo de hidrogênio com o núcleo de maior massa). Com figuras ilustrativas (p.173), as fotos revelam de forma nítida a grande explosão que originou o Universo (figura 01), contendo ao lado uma Linha do tempo da formação dos elementos Químicos, sendo verificado pelo tempo (0 à 15 bilhões de anos), temperatura em Kelvin (K) ($10^{32}K$ à $2,7K$) e eventos (partículas subatômicas à vida na Terra).

Os textos são apresentados com muita clareza, as letras têm um tamanho razoável, e a estrutura do texto bem centrado na página (p.174). Os subtítulos estão de cor azul e de tamanho médio, sendo de fácil visualização para o aluno. A página não tem opacidade, não ofusca os olhos quando refletido a luz nela.

Nas páginas seguintes encontramos um breve histórico da classificação dos elementos, contando de forma concisa, mas, completa um pouco desta história, e em seguida apresenta a classificação moderna dos elementos químicos, desta forma vemos que o livro estabelece uma relação entre passado e presente situando o aluno do fato de que a ciência é construída ao longo do tempo e que esta sofre mudanças, quebrando com o estereótipo de que a ciência é feita de uma só vez, através de descobertas miraculosas, por cientistas “malucos”, mas coloca a ciência e a história numa linha interceptadas de tempo, ou seja, uma e outra se encontram amplamente atreladas. Na página 177 há até um Box denominado Um passo na História que apresenta um breve resumo sobre propostas de classificação dos elementos químicos, incluindo até uma cópia do rascunho de Mendeleev sobre o assunto.

No tópico que aborda “A classificação moderna dos elementos químicos” há um Box colorido que apresentam alguns grupos da tabela periódica, sua denominação e a origem de seu nome, esta é só uma informação complementar, já que o texto apresenta uma explanação mais detalhado do tema, na página seguinte há uma grande tabela, também bastante colorida onde se encontram as principais propriedades das substâncias e dos átomos dos grupos da tabela periódica. Tal tabela auxilia bastante na visualização e compreensão de conceitos relacionados a diferentes características que podem identificar a que grupo

pertence certas substâncias e elementos. Se lida juntamente com o professor e discutido com os alunos, esta tabela apresenta-se como um bom material no auxílio da aprendizagem dos alunos, pois sistematiza muitas das informações contidas no texto, além de apresentar exemplos, apesar destes exemplos serem explicitados somente por suas fórmulas químicas e necessitar muitas vezes da elucidação com auxílio do professor.

Em alguns momentos ao tratar os diferentes sub-temas há pequenas caixas de texto com a palavra pense, apresentada de forma colorida e cada letra colocada no desenho duma peça de quebra-cabeça, dentro as letras brancas sobre um fundo azul, em destaque, apresentam uma questão sobre o assunto para iniciá-lo, uma boa proposta de trabalho é de que a questão seja discutida, afinal, se o aluno tiver somente que responder a questão não há interação, troca de informações, levantamento de hipóteses etc., mas essa é uma opção que nós sugerimos, uma vez que a proposta do livro é de que o aluno pense e responda sozinho, não havendo esta sugestão de discussão em grupo. Somente o último destes boxes apresenta uma proposta de atividade e antes de uma lista de exercícios.

As listas de exercícios apresentam em média 15 itens em sua maioria são questões dissertativas, sendo algumas contextualizadas com situações cotidianas, mas, exigem que o aluno tenha domínio do conteúdo conceitual, assim como



muitos dos livros didáticos, no entanto, além disto, as questões exigem um pouco mais de reflexão não sendo feitas de forma direta. No entanto, o trabalho com questões de vestibular encontra-se no final do Tema que compreende, neste caso, 3 capítulos. Acreditamos que desta forma o aluno pode rever todos os assuntos trabalhados no capítulo, porém a quantidade de exercícios é considerável para ser resolvida de uma só vez, de modo que o professor poderá ir solicitando sua resolução à medida que trabalha determinado assunto, apesar de que se o fizer só no final, apesar de cansativo, torna-se uma boa revisão de todo o capítulo.

Não há, no capítulo analisado, nenhuma sugestão de experimento, no entanto, observamos que nem todos os conteúdos de química estudados no Ensino Médio proporcionam esse tipo de prática, que poderá ser utilizada ao se trabalhar outros conteúdos.

Ao finalizar a primeira parte do assunto é retomado num texto, assim como no início sob o título Tema em foco, o assunto inserido numa situação cotidiana atual e que se relaciona de certa forma com o primeiro texto, pois trata do tema Os Elementos Químicos e os Vegetais, levantando até mesmo as questões ambientais e assim, como no início há questões para reflexão sob o título: Pense, Debata e Entenda, o que sugere um momento de debate e troca de informações, argumentação, levantamento de hipóteses e sistematização do conteúdo aprendido. A forma como o livro coloca esta atividade, leitura e reflexão sobre o



texto, fazem com que o aluno retome o assunto estudado de forma contextualizada e mostra como a química encontra-se intrinsecamente relacionada com a vida, não se tratando somente de disciplina escolar ou mesmo de um campo de pesquisa e estudo exclusivamente de laboratório, estando longe da realidade dos alunos.

A última parte do capítulo reserva-se a explicar a periodicidade dos elementos e, portanto, as regras para a classificação dos elementos dentro da tabela, o primeiro tópico diz respeito a configuração eletrônica nos níveis energéticos e utiliza uma tabela bastante colorida para exemplificar o que o texto explicita, a tabela atrelada ao texto tornam o conteúdo bastante claro e facilita a compreensão, há ainda uma outra tabela menor contendo o número de elétrons no último nível eletrônico, deste modo, estes três elementos juntos se complementam.

O segundo tema abordado nesta última parte do capítulo é o Raio atômico, de forma que os autores buscam explicar como as variações de raio estão atreladas a características que servem para a classificação, como por exemplo, “à medida que aumenta o número atômico, aumenta o raio”. Cada explicação vem precedida de um esquema com Box explicativo, desta maneira ao aluno é proporcionada uma compreensão de porque aquele elemento químico está em determinada posição. Há ainda a análise de um gráfico, neste capítulo é o único e

apresenta a contraposição entre raio atômico e número atômico, para que o aluno analise de acordo com o comando dado no Box “Pense”, ou seja, é o ponto de partida para o desenvolvimento do assunto raio atômico. O capítulo finaliza-se com uma lista de exercícios.

Gostaríamos ainda de colocar aqui um aspecto que consideramos bastante importante, a forma como os conceitos se apresentam. Apesar de procurar uma linguagem acessível ao aluno o livro não deixa de abordar os termos químicos com sua terminologia correta, de modo que proporciona ao professor trabalhá-los com seus alunos, e é importante lembrar que muitas vezes os alunos apresentam certas dificuldades em dominar esta terminologia, como apontam Castilho et al (1999), mas acreditamos que não abordar os conceitos com suas terminologias corretas só incorreria em falhas que poderiam acarretar problemas de aprendizagem para os alunos futuramente.

De um modo geral acreditamos que este é um livro que abordou o assunto Elementos químicos de forma ampla, relacionado com questões do cotidiano, sem, no entanto, abrir mão de uma apresentação histórica do assunto, com riqueza de tabelas, imagens, informações complementares em boxes, e apesar de em alguns momentos (principalmente no início), haver certa poluição visual esta diminui ao longo do capítulo e não chega a causar prejuízo na aprendizagem do aluno. Os textos são claros, contextualizados e as informações proporcionam ao



professor complementá-las com conceitos que devem ser trabalhados em sala, porém o livro apresenta-se como um bom recurso.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a análise de um livro didático tendo como enfoque o tema Elementos Químicos pudemos perceber que nosso objeto de estudo se mostrou bastante eficaz na abordagem do tema, apresentando-se de forma bastante clara, objetiva ao trabalhar conteúdos conceituais, além de contextualizá-los em situações cotidianas realizando assim uma interação entre conceitos químicos e sua aplicação na vida prática, bem como desta forma ampliar a concepção de que a química faz parte da vida.

Como analisamos somente um capítulo, pudemos somente avaliar como este se desenvolveu, mas pensamos que os demais devem seguir o mesmo padrão e, portanto, imaginamos que a contribuição deste recurso didático para o professor no que concerne a construção de conhecimento junto a seus alunos deve ser bastante amplo, pois o material apresentado proporciona momentos de reflexão, discussão, leitura, ampliação e relação do conhecimento, construção de conceitos etc.

Cabe, portanto ao professor utilizar o material de forma a retirar dele o melhor, ao realizar a transposição didática, de forma que ao trabalhar o conceito, junto a seus alunos proporcione que a aprendizagem seja realizada de forma a contribuir com o desenvolvimento do educando, na relação saber “professor-



aluno”. Durante toda nossa análise nos focamos nesta tríade, pensando sobre como o professor poderia utilizar o recurso didático com o objetivo de construir conceitos, como o aluno poderia utilizá-lo como ponto de apoio para aprender e como esse saber que permeia todo o processo poderia ser trabalhado.

Atentamos ao fato de que nenhum recurso é suficiente por si só, e o professor não precisa se a ter somente ao livro didático para ensinar, ele é uma ferramenta auxiliar no processo ensino-aprendizagem e como toda ferramenta seu bom uso depende daquele que o manuseia, adapta a situação necessária e tira dele o melhor proveito.

O tema elementos químicos bem como sua classificação é abordado em diversos livros didáticos e a análise deste tema permitiu-nos realizar uma observação mais minuciosa e percebermos o quanto é necessário não somente aprender a observar a tabela periódica, mas compreender sua construção (utilizando um pouco do conhecimento de história das ciências), a importância de cada elemento, suas propriedades, etc. Desta forma, não se faz necessário decorar a tabela periódica, mas o conhecimento das informações acima citadas, permitem uma ampliação de conceitos sobre os elementos químicos bem como o modo de se utilizar a tabela periódica.

Este tema deverá perpassar por tantos outros dentro do estudo da Química e uma boa abordagem e compreensão dos conceitos a ele referentes são de



extrema importância para que o aluno compreenda diversos conteúdos, além de integrá-los e perceber que a química faz-se necessária para a vida.



BIBLIOGRAFIA

BIANCHI, J. C. de A.; ALBRECHT, C. H.; MAIA, D.J. **Universo da Química: Ensino Médio**. 1 ed. São Paulo: FTD, 2005. vol. único.

CASTILHO, D.L.; SILVEIRA, K.P.S.; MACHADO, A.H. As Aulas de Química como Espaço de Investigação e Reflexão. **Química nova na escola**, n° 9, maio, 1999, p. 14-17.

Disponível em: <<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc09/relatos.pdf>>; acessado em 29 set. 2010

CHEVALLARD, Y.; La **Transposicion Didáctica: Del Saber Sábio al Saber Enseñado**. Argentina: Editora Aique, 1991.

FELTRE, R. **Química**. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

FRANCO, D.S. **Química**. São Paulo: FTD, 2009.

LOGUERCIO, R de Q.; SAMRSLA, V.E.E.; DEL PINO, J.C. Uma leitura de livros de química. **Espaços da Escola**. Unijuí, p. 53-68, abr/jun 2001. ano 1º, n. 40.

MENDONÇA, J.R.; CAMPOS, A.F.; JÓFILI, Z.M.S. O conceito de oxidação-redução nos livros de Química Orgânica. **Química nova na escola**, p.45-48, dez, 2004. n. 20. Disponível em: <<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc20/v20a08.pdf>>. Acesso em: 18 abril. 2011

PERUZZO, F. M.; CANTO, F.M. **Química na Abordagem do cotidiano**. São Paulo: Moderna, 2003.



SANTOS dos, W.L.P.; MÓL, G. de S.(coord). **Química e Sociedade**. São Paulo: Nova Geração, 2005.

TOLENTINO, M.; ROCHA-FILHO, R.C.; CHAGAS, A.P. Alguns aspectos históricos da classificação periódica dos elementos químicos. **Química Nova**, São Paulo jan/fev. 1997. vol 20,n. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/qn/v20n1/4922.pdf>. Acesso em: 16 abril. 2011

MESSIANISMO EM FREI LUÍS DE SOUSA: MITO OU PREDESTINAÇÃO?

Maria de Lourdes Gaspar Tavares¹

PORTUGAL E A CONCEPÇÃO DE RELIGIÃO

Como se sabe, Portugal é caracterizado por sua intensa tradição religiosa. Esta é a marca de toda a sua história, desde tempos distantes quando, sob a bandeira da cristandade, a presença da realeza comandou em nome das conquistas para “as searas da igreja” todos os atos dessa nação que foi uma das primeiras no serviço de Cristo. Acima de tudo, estava Cristo; abaixo deste, havia apenas o Rei, ordenando aos Cavaleiros da Terra o desenho de sua faixa territorial e marítima; nesse sentido, de toda dor e de todo medo, estava Portugal entregue à sua missão apostólica.

Como peças de um jogo de xadrez, o povo dessa nação foi manipulado através dos séculos por forças cristãs e resultou numa massa de gente passiva, habituada a sujeitar seus desígnios de baluartes da integridade e da pureza.

¹ Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil(2004). Coordenação da Faculdade de São Vicente , Brasil



Para aquela gente, todo o seu destino tinha como objetivo apurar a alma; assim sendo, os portugueses viviam em religiosa exaltação, e aqueles que partiam para as guerras e além-mar retiravam-se como fossem para uma festa, desprendidos dos bens terrenos, na sua total obediência ao apelo divino.

Fizeram o povo português acreditar que o sangue derramado, se do infiel, purificava o mundo; do herói, abria os trilhos da redenção humana. A morte era o maior e melhor de todos os prêmios. Dessa forma, religiosamente, os portugueses consagraram-se inteiramente a Cristo, à imitação de seu exemplo, à Vida Eterna. Tal consagração é explicada, na medida em que, para esse povo, privações, sofrimentos ou temores eram-lhe indiferentes; ao contrário, quanto mais dor, mais amor.

Nesse sentido, a ambição maior do povo português eram as amargas provas necessárias para conquistar o Reino do Céu. A promessa da conversão, pelo sofrimento, em irmão do crucificado era a certeza profunda que os portugueses precisavam para poder suportar impunidades, desrespeitos e desprezos de toda ordem por parte de “El-Rei”.

A epopéia portuguesa, portanto, se inscreve na História, por meio do religioso, trazendo no bojo a passividade de um povo diante de sua mutilação, diante de sua miséria, corroborando, dessa forma, a prática social do discurso religioso da época, ou seja, a morte dos infiéis e dos pagãos ou a conversão deles.

Assim sendo, a prática discursiva da época dos descobrimentos, legitimada pelo poder da Igreja, justifica as ações de domínio, durante os Descobrimientos de Portugal.

D. SEBASTIÃO, O REI INSEPULTO

D. Sebastião, coroado rei de Portugal aos três anos de idade, ascendeu ao trono em 1568, com 14 anos. Educado rigidamente pelos jesuítas, demonstra desde a tenra idade inclinação para as artes da guerra. Vencer os muçulmanos é seu o objetivo e, com isso, glorificar o cristianismo.

Em 1578, novamente, em nome de Cristo, uma guerra principia: sob a aspiração do monarca, 15 mil homens desembarcam em litoral marroquino para lutar e vencer àqueles indignos de Deus; todavia, durante a batalha de Alcácer-Quibir, D. Sebastião desaparece misteriosamente. A partir disso, nasce o sebastianismo, ou seja, o rei não teria morrido e voltaria para libertar Portugal do domínio Espanhol. Tal mito sobreviveu por três séculos como símbolo do nacionalismo português.

O fato de D. Sebastião não ter herdeiros, facilitou a anexação de Portugal pela Espanha, em 1580. Durante sessenta anos, o jugo espanhol amparou o sonho dos portugueses à espera do encoberto para libertar Portugal e dar-lhes a liberdade; inclusive, entre os anos 84 e 98 daquele século, alguns impostores foram executados por se fazerem passar pelo lendário governante.

Amalgamado pela credence religiosa, pelos vaticínios e presságios divinos, o sebastianismo, forma particular do messianismo português, difundiu no imaginário o último presente da caixa de Pandora, a esperança. O Salvador regressaria não só para impor uma nova ordem política e social, mas, sobretudo, ao ocupar seu trono por direito divino, fundaria um império universal, sob a égide portuguesa.

A partir do final do século XVI, como não poderia deixar de ser, interesses políticos absorvem a crença mítica popular, dando-lhe um cunho adverso e paradoxal; assim sendo, se, por um lado, o sebastianismo serve aos aristocratas e aos plebeus, aos liberais e absolutistas, aos monarquistas e republicanos, aos futuristas, saudosistas e reacionários; por outro, é perseguido pela inquisição e pela ordem pombalina.

O SEBASTIANISMO EM VERSOS E PROSA

A literatura portuguesa denuncia, ao longo dos séculos, o tratamento dado ao sebastianismo. Ainda no século XVI, anterior ao desaparecimento de D. Sebastião, as trovas proféticas de Gonçalo Anes Bandarra, disseminadas pelos cristãos-novos, ocuparam



um lugar central no messianismo português. Bandarra, no entanto, além de ter sua obra proibida, foi condenado pela inquisição, por suspeita de judaísmo. No final daquele século, um quinto da população portuguesa era composta de cristãos-novos e judeus, os quais esperavam também pelo rei “encoberto” messiânico.

Padre Antonio Vieira também foi acusado de herege por defender sua teoria, segundo a qual Portugal estaria predestinado a liderar o quinto império.

Almeida Garrett, consolidador do teatro nacional português, publica em 1844 sua obra-prima *Frei Luís de Sousa*, considerada pelo crítico alemão Otto Antscherl como a “obra mais brilhante que o teatro romântico produziu.” Ambientada no século XVII, com forte apelo nacionalista, retoma situações ligadas à batalha de Alcácer-Quibir e ao mito de D. Sebastião.

Possivelmente, inspirado na vida do sacerdote e escritor português Manuel de Sousa Coutinho, cujo nome eclesiástico Frei Luís de Sousa batiza a peça, Garret inscreve a narrativa a partir do desaparecimento de D. Sebastião e, a seguir, o drama arrola as consequências fatídicas.

Segundo a obra, D. Sebastião levou para a trágica batalha, além do exército, membros da realeza portuguesa; dentre eles, D. João de Portugal, marido de Madalena de Vilhena. Esta o aguarda durante sete anos; depois de longa espera, casa-se com Manuel de Sousa Coutinho;

No excerto abaixo, comprova-se o longo sofrimento da personagem pela perda e a busca em vão pelo nobre desaparecido:

D. João ficou naquela batalha com seu pai, com a flor da nossa gente. Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memória, como durante sete anos, incrédula a tantas provas e testemunhos da sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves aí houve.....aos padres da Redenção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar naquelas terras, a todos se encomendava o seguir a pista do mais leve indício que pudesse desmentir, , pôr em dúvida ao menos aquela notícia que logo viera com as primeiras novas da batalha...Tudo inútil; e a ninguém mais ficou resto de dúvida”

Entretanto, a incerteza de o primeiro marido ter realmente perecido a angustiava. As dúvidas eram sustentadas por Telmo Paes, o fiel escudeiro de D. João. Depois de vinte anos de ausência, confirma-se o pressentimento de Madalena: D. João retorna a Portugal. A revelação, no clímax da peça, desespera as personagens. No trágico epílogo, Manuel Coutinho e Madalena, expiando-se de suas culpas, vestem o hábito religioso; a filha do casal, Maria de Noronha, no funesto ritual, desonrada, fenece aos pés dos pais.

O MESSIANISMO DESVELADO NAS PERSONAGENS

D. Madalena de Vilhena, atormentada pelo passado, não vive o presente, pois se acredita pecadora por não esperar, até o fim de seus dias, o retorno do marido. Assim sendo, não luta por nenhum ideal, questiona os fatos, mas não reage diante deles. Aceita a marca de seu destino, ou seja, a fatalidade. Ressaltam-se, entre outros, os excertos abaixo: a obra se inicia já com os lamentos de Madalena:

Oh! Que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. Oh! Que amor, que felicidade... que desgraça a minha.

...contudo as vossas palavras metem-me medo... Não me façais mais desgraçada.

Meu adorado esposo, não te deites a perder, não te arrebatas. Que fará tu contra esses poderosos? Eles já te querem tão mal pelo mais que tu vales que eles, pelo teu saber, que esses grandes fingem que desprezam, o que eles têm é inveja! O que fará, se lhes deres pretexto para se vingarem da afronta que os traz a superioridade do teu mérito! Manuel, meu esposo, Manuel de Sousa, pelo nosso amor...

Verifica-se no excerto a seguir a remissão ao sebastianismo:

mas as tuas palavras misteriosas, as tuas alusões frequentes a esse desgraçado D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não acredita que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade, - esses contínuos agouros, em que andas sempre, de uma desgraça que está iminente sobre a nossa família ...

Poder-se-ia dizer que tal personagem retrata o castigo àqueles que aceitaram a subjugação do domínio espanhol, por contrariarem o desígnio do Prometido, ou seja, o regresso de D. Sebastião, uma vez que se tratava da encarnação da palavra de Deus. Na voz de Madalena, o excerto a seguir reitera a afirmação:

Oh, perdoa, perdoa-me, não me sai esta idéia da cabeça... que vou achar ali a sombra despeitosa de D. João, que me está ameaçando com uma espada de dous gumes...que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vai separar para sempre.

Manuel de Sousa Coutinho, 2º marido de D. Madalena, inicialmente racional, equilibrado e sereno, como se comprova nos excertos:

Oh, que gente, que fidalgos portugueses. Hei-de-lhes dar uma lição a eles e a este escravo deste povo que os sofre, como não levam tiranos há muito tempo nesta terra

... vou dar uma lição aos nossos tiranos que lhes há-de lembrar, vou dar um exemplo a este povo que os há-de alumiar...

Jorge, acompanha estas damas... Telmo, ide, ide com elas. Partiu já tudo, as arcas, os meus cavalos, armas e tudo o mais?

Torna-se violento, contraditório, revoltado, extremista:

Tenho que não hei-de sofrer esta afronta... e que é preciso sair desta casa, senhora.

Ao pôr fogo no palácio, comprova-se a atitude de revolta extrema:

Meu pai morreu desastrosamente caindo sobre a sua própria espada. Quem sabe se eu morrerei nas chamas ateadas por minhas mãos? Seja.

...como é esta vida miserável que um sopro pode apagar em menos tempo ainda.

Em sua personagem, o sebastianismo, implicitamente, está na marca nacionalista, que nela se insere a partir da defesa dos valores nacionalistas.

– Há-de-saber-se no mundo que ainda há um português em Portugal.

Mas fique-se aprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tirania, sempre lhe pode resistir, em perdendo o amor a



coisas tão vis e precárias como são esses haveres que duas faíscas destroem num momento.

Verifica-se na personagem o ideal, o culto pela honra, pelo dever, pela nobreza de ações, características do apego da personagem às tradições, ao nacionalismo, à fé cristã, aos valores católicos:

Eu estimei e respeitei sempre a S. João de Portugal; honro a sua memória, por ti, por ele e por mim; e não tenho na consciência por que receie abrigar-me debaixo dos mesmos tectos que o cobriram.

eu não tenho ciúmes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu só, todo meu, querida Madalena...

Não há senão um temor justo, Madalena: é o temor de Deus...

Assim sendo, Manuel de Sousa Coutinho imprime, em sua constituição, o desejo do povo português de baluartes da integridade e da pureza.

para os que andam diante de Deus, a terra não tem sustos, nem o inferno pavores que se lhes atrevam.

D. João de Portugal, primeiro marido de D. Madalena, desaparecido na Batalha, é o representante da época de ouro de Portugal. Metaforicamente, é a imagem da Pátria cativa; liga-se à lenda de D. Sebastião.

Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito, do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

Que é do romance que me prometestes... o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há-de vir, um dia de névoa muito cerrada...que ele não morreu; não é assim, minha mãe?

D. João, personagem dupla, por um lado, é abstrata, pois não participa do conflito diretamente; por outro, é concreta, mesmo ausente desencadeia as cenas dramáticas da peça. A evocação à personagem emerge ao longo da peça. Destacam-se entre outras:

- por Madalena:

Depois que fiquei só, depois daquela funesta jornada da África que me deixou viúva, órfã e sem ninguém...

Não crês, mas achas não sei que dolorosos prazer em ter sempre viva e suspensa essa dúvida fatal. E então considera, vê: se um terror semelhante chega a entrar naquela alma, quem lho há-de tirar nunca mais?

- por Telmo:

às palavras, as formais palavras daquela carta, escrita na própria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge, que vo-la trouxe. – “Vivo ou morto” – rezava ela – vivo ou morto...

- por Maria:

não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de tais histórias, nem de coisa nenhuma dessas.

- por Manuel:

Rezaremos por alma de D. João de Portugal... aquela alma santa que está no céu, e que em tão santa batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou mártir às mãos dos infiéis...

Todavia, paradoxalmente, ao se concretizar, a força energética da personagem esvaece-se: ao final da peça, não há compaixão pelo marido ultrajado, mas sim pelas outras personagens trágicas. D. João simboliza, portanto, a força do Destino, o Fado, cujos desígnios levam para o rio da fatalidade e da tragédia as demais personagens.

D. Maria de Noronha, filha única dos Vilhenas e Sousas, apesar do precoce desenvolvimento psicológico e intelectual, sofre de tuberculose; dotada de intuição e dons proféticos, de certa forma, mantém o sofrimento da mãe ao se remeter constantemente ao passado.

Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: eles que andam tão crentes nisto, alguma cousa há-de ser. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirando o meu bom Telmo, ninguém nesta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião...

...em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião...ninguém tal há-de dizer, mas põe-se logo outro, muda o semblante, fica pensativo e carrancudo...

Não é isso, não é isso; é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio! ...e nas estrelas do céu também, e sei cousas...

Maria, marcada pelo Destino, atingida pela fatalidade, morre aos pés dos pais ao constatar-se desonrada:

é aquela voz, é ele, é ele! Já não é tempo... Minha mãe, meu pai, cobri-me bem estas faces, que eu morro de vergonha... morro, morro...de vergonha.

Telmo Pais, personagem ambígua, é escudeiro e confidente de D. Madalena; seus comentários alimentam os terrores dela:

Senhora... senhora D. Madalena, minha ama, minha senhora...castigai-me...mandai-me já castigar, mandai-me cortar esta língua perra que não toma ensino...oh! senhora, senhora!

Desgraçada! Por quê? Não sois feliz na companhia do homem que amais, nos braços do homem a quem sempre quiseste mais sobre todos? Que o pobre de meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tiveste, como tão nobre e honrada senhora que sois...mas amor!

O conflito interno de Telmo transita entre o passado: a fidelidade incontestável a D João de Portugal; a crença inegável ao retorno de seu amo:

Não me esqueceu uma letra daquelas palavras... “vivo ou morto”... Não era assim que dizia?

Vivo não veio... inda mal! E morto... a sua alma, a sua figura...

e o presente: a ternura, a fidelidade à Maria, amor que sente pela personagem como se fosse pai:

Um anjo como aquele... uma viveza, um espírito! E então que coração!

Não é possível, mas eu hei-de salvar o meu anjo do céu.

Entretanto, Telmo depara-se com a verdade fatídica: ama muito mais à Maria do que ao senhor rei, que, por tantos anos idolatrou. Diante disso, desespera-se:

Virou-me a alma toda com isto: não sou já o mesmo homem. Tinha um pressentimento do que havia de acontecer... parecia-me que não podia deixar de suceder... e cuidei que o desejava enquanto não veio.

Veio e fiquei mais aterrado, mais confuso que ninguém. Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor, está vivo... o filho que eu criei nestes braços...

Vou saber novas certas dele, no fim de vinte anos de o julgarem todos perdido; e eu, eu que sempre esperei, que sempre suspirei pela sua vinda... era um milagre que eu esperava sem o crer! Eu agora tremo...

É que o amor destrouta filha, desta última filha, é maior e venceu... venceu...apagou o outro...Perdoai-me, Deus, se é pecado. Mas que pecado há-de haver com aquele anjo?

Se ela me viverá, se escapará desta crise terrível? Meu Deus, meu Deus, levai o velho que já não presta para nada, levai-o, por quem sois!

Contentai-vos com este pobre sacrifício da minha vida, Senhor, e não me tomeis dos braços o inocentinho que eu criei para vós, Senhor para vós...

DA FICÇÃO PARA O REAL

Como se viu, a derrota portuguesa frente aos mouros, em 4 de agosto de 1578, inicia um dos períodos mais tensos e dramáticos da história de Portugal. Subjugados à Espanha, a massa de um povo assujeitado alimentou a crença do rei salvador, minimizando, dessa forma, as dores; cicatrizando as feridas, redimindo os pecados.

D. Sebastião, contrariando a lenda, teve morta triste e inglória. Seu corpo esfacelado, carregado como um troféu, foi mandado embalsamar. Anos depois, Felipe da Espanha pagou o resgate pelos restos mortais.

A vergonha do povo, a esperança, a fé incomensurável no messianismo deixaram uma certeza para a história portuguesa, quiçá para a brasileira também: ninguém jamais foi tão desejado e tão esperado como D. Sebastião.



REFERÊNCIAS

AMEAL, J. **História de Portugal. Das origens até 1940.** 6. ed. Porto: LivrariaTavares Martins, 1968.

AMORA, Antonio Soares. **Presença da literatura portuguesa.** São Paulo, Difel, 2008.

CASTRO, Francisco Lyon de. **História da literatura portuguesa.** Lisboa: Publicações Alfa, 2003.

GARRET, A. **Frei Luis de Sousa.** Coleção Clássicos da Literatura. Biblioteca digital: Porto Editora

MOISÉS, M. **A literatura portuguesa.** 35. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. **História da literatura portuguesa.** 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

TAVARES, M.L.G. **O papel da intertextualidade no poema "Dual "de Sophia de Mello Breyner Andresen.** Dissertação de mestrado. SP: PUC, 1999.

Maria de Lourdes Gaspar Tavares

Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2004). Coordenação da Faculdade de São Vicente, Brasil

Artigo Recebido em 15/12/2010

Aceito para publicação em 20/12/2010



Para citar este trabalho:

TAVARES, Maria de Lourdes Gaspar. **Messianismo em Frei Luís de Sousa: Mito ou Predestinação?**. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, Número 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em: __/__/____.